



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARIA EDUARDA ALVES BRAGA RODRIGUES

SANKOFA: ENSAIO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA

BRASÍLIA

2016

Maria Eduarda Alves Braga Rodrigues

SANKOFA: ENSAIO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA

Trabalho de conclusão de curso apresentada ao
curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da
Universidade de Brasília como requisito para a
obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. PhD. Patrícia Lima Martins Pederiva

Brasília

2016

RODRIGUES, Maria Eduarda A. B.

SANKOFA: ENSAIO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA / Maria Eduarda Alves Braga Rodrigues - Brasília-DF, 2016. 42 p. / il.

Orientação: Profa. Dra. Patrícia Lima Martins Pederiva

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) / Faculdade de Educação / Universidade de Brasília / Brasília / 2016.

1.Racismo; 2.Cultura; 3.Raça; 4.Identidade racial; 5.Educação. I. Universidade de Brasília. Faculdade de Educação II. Título

Maria Eduarda Alves Braga Rodrigues

SANKOFA: ENSAIO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA

Trabalho de conclusão de curso apresentada ao
curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da
Universidade de Brasília como requisito para a
obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Patrícia Lima Martins Pederiva (Orientadora)

Departamento de Métodos e Técnicas/ FE / UnB

Me. Saulo Pequeno Nogueira Florencio

Doutorando – PPGE / UnB

Daniela Barros Pontes e Silva

Mestranda – PPGE / UnB

Paulo Henrique Alves Rocha

Licenciado em Pedagogia

**Nunca deixe que lhe digam
que não vale a pena acreditar
no sonho que se tem ou que seus
planos nunca vão dar certo ou
que você nunca vai ser alguém”
| Renato Russo**

Dedico esse trabalho

**aos meus pais, Jacy e Vânia,
que são meus alicerces, e que nunca deixaram de
acreditar em mim e em meus sonhos.**

, e

**a minha filha, Mariah,
que veio para mim com um sentido único: VIDA.**

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço à Deus pelo dom da vida e por tantas bênçãos que recebo todos os dias. Foi Ele que em meu caminhar me fez uma pessoa mais humana e verdadeira.

Agradeço aos meus pais que sempre foram motivo de orgulho e exemplo para mim. Vânia, minha mãe, mulher única que sempre lutou por seus ideais. Obrigada mãe por sempre estar ao meu lado, me apoiando em todas as minhas decisões e me incentivando a nunca desistir. Foi você que plantou em mim o amor pela educação, foi você que me mostrou a beleza da cultura afro e me fez ter orgulho de minhas raízes. Esse trabalho é para você.

Jacy, meu pai, admirado por todos, um amigo sem igual. Como pai, sempre presente e paciente e disposto a qualquer coisa por seus filhos. Você com sua força e seu caráter me mostra que nossos sonhos sempre são alcançáveis. Obrigada pai, por tantos momentos incríveis que vivemos em São Tomé e tantos momentos que ainda vivemos hoje. Obrigada por sempre estar presente e comemorando cada conquista de seus filhos e netos. Esse trabalho também é para você.

Aos meus avós que tanto amo e sempre foram presentes em minha vida, o meu muito obrigada. Avós maternos, vô Gil, desde pequena sou apaixonada no senhor que sempre se mostrou presente e com suas brincadeiras me fez uma criança muito mais feliz. Vó Maria, minha guerreira que se preocupa tanto com sua família, tenho por você vô, um amor sem igual. Ainda sou aquela criança que ria quando você fazia suas palhaçadas sem a dentadura.

Meus avós paternos, Jacy e Gerçília, ele que mesmo sendo muito forte sempre se emociona ao falar dos filhos, dos netos e bisnetos e que hoje é um homem muito mais carinhoso comigo. Estarei sempre presente em sua vida vô, até o fim dessa caminhada. E a ela que já não está mais entre nós, mas foi e é a mulher mais doce e carinhosa que já conheci. Eu sei que de onde a senhora estiver, estará torcendo por minha vitória.

O meu muito obrigado à minhas duas tias. Gag, desde pequena sendo minha segunda mãe, me acalentando e me mostrando que nossa criança interior nunca morre. Mesmo longe, o meu amor e admiração por você não diminui. Sinto muito sua falta e espero um dia poder te dar um abraço e matar toda essa saudade. E minha madrinha Dy, mesmo com os problemas da nossa família, não posso deixar de te agradecer por sempre ter me ajudado. Aconteça o que acontecer, você sempre será importante para mim. Amo vocês!

Agradeço também aos meus tios, João Paulo, João Batista, Jackson, Jair e Jaider. Vocês são homens incríveis, que cada um com sua maneira me mostraram a importância de se ter a família por perto. Eu amo vocês!

Aos meus irmãos:

Pedro, vi um menino virar um homem e conquistar tantos sonhos em tão pouco tempo. Você, sem dúvidas, é motivo de muito orgulho para mim. Obrigada por trazer para nossa família pessoas tão especiais, Samira, Heitor e Lavínia. Perto de vocês me sinto muito amada e acolhida. Eu os amo muito.

Ana, minha alma gêmea, minha metade, minha força. Esse elo que nos une é sem explicação, é fora do comum. Você é tanto em minha vida, que tenho o prazer em dizer que minha irmã é minha melhor amiga, e mais ainda, não é só a genética que nos conecta, é para além disso. Nossas almas, nossos pensamentos e nossos corações estão sempre conectados. Eu não sou nada sem você. O meu muito obrigada por ser muito mais do que deveria ser!

Mariana e João, meus caçulas, crianças especiais que chegaram em minha vida. São seres de luz, que cada um com seu jeito me mostra que o mundo haverá de ser melhor. Eu agradeço à vocês dois por trazerem à minha vida tantas alegrias!

Agradeço imensamente a pessoa mais importante em minha vida, minha filha. Mariah, o que seria de minha vida se você não tivesse chegado? Você veio para me trazer luz e vida. Veio para me mostrar o sentido de tudo e fez com que eu me tornasse uma pessoa muito mais confiante e responsável. Vamos caminhar juntas, minha filha. Por você sou capaz de conquistar o mundo inteiro! O mais precioso e puro sentimento tenho por ti, o amor de mãe!

Agradeço a Nádia, avó paterna da Mariah. Muito obrigada por ser tão presente em nossas vidas, você é incrível, não é à toa que Mariah é completamente apaixonada por você. Minha vida acadêmica não seria possível sem a sua ajuda. Muito obrigada, de coração!

Aos meus amigos, que não são muitos, mas que levo comigo para sempre:

Gabi, uma irmã que a vida me deu. Uma pessoa sonhadora e que nunca se deixa abater. Muito obrigada por me mostrar que por mais problemas que podemos ter, o importante é erguer a cabeça e lutar pela felicidade. Eu te amo e amo sua família também, vocês fazem parte da minha vida.

Catherine, minha amiga mãe, nossas histórias se cruzaram por nossos filhos. Você me fez acreditar em uma vida mais feliz em um momento tão difícil. Obrigada por tantas histórias vividas, por tantos momentos únicos e todos ainda que estão por vir. Nossa amizade é rara, nosso elo é enorme. Quero você e o Lolo sempre perto de mim e da Mariah.

Manoel, Jamila e Barbie, tantas histórias já passamos, desde o começo caminhando juntos. Os meus sinceros agradecimentos pela linda amizade que construímos, a minha vitória também é de vocês.

E por fim, o meu muito obrigada a pessoa mais humana e gentil que conheci em toda minha vida, minha orientadora. Obrigada Patrícia por me acolher e acolher minha causa, mesmo me conhecendo tão pouco. Com o seu jeito tão simples e paciente me incentivou a alcançar esse sonho, gratidão eterna.

RODRIGUES, Maria Eduarda. *Sankofa: Ensaio sobre a construção da identidade da criança negra*. Brasília-DF, Universidade de Brasília / Faculdade de Educação (Trabalho de Conclusão de Curso), 2016.

Resumo

O racismo é uma realidade recorrente na sociedade brasileira atual, e está presente em todos espaços sociais que permeiam nossas relações. A escola não está imune disso, pelo contrário, sendo aparelho ideológico do Estado, ela acaba refletindo uma hierarquia racial, onde o branco e sua cultura europeia são supervalorizados. O resultado dessa reprodução é um ciclo em que o negro e sua cultura são marginalmente excluídos, reforçando ainda mais o preconceito existente no nosso país. Essa realidade precisa ser mudada, os (as) negros (as) precisam de seus espaços de representatividade, para que saibam a importância de sua cor e de suas raízes, evitando assim que crianças negras neguem a sua raça, procurando se enquadrar nos padrões impostos pela sociedade. Nas escolas, as crianças negras precisam conhecer e valorizar a sua cultura e a sua raça para além dos livros didáticos, para que a sua identidade não seja deturpada. A urgência de mudança é enorme e o início tem que ser imediato, para que a educação se transforme no principal meio de se combater o racismo, desconstruindo estereótipos e ideais latentes no nosso país.

Palavras-chave: Racismo; Cultura; Raça; Identidade racial; Educação.

RODRIGUES, Maria Eduarda. *Sankofa: Ensaio sobre a construção da identidade da criança negra*. Brasília-DF, Universidade de Brasília / Faculdade de Educação (Trabalho de Conclusão de Curso), 2016.

Abstract

The racism is recurrent fact the current Brazilian society, and it is present in all social spaces that permeate our relations. The school is not immune of that, on the contrary, being an ideological appliance of the State, she finishes reflecting a racial hierarchy, where white and his they are supervalued European culture. The result of this reproduction is a cycle in which the black man and his culture are marginalmente excluded, reinforcing still more the existent prejudice in our country. This reality needs to be changed, them black men need of his spaces of representativeness, so that they know the importance of his color and of his roots, avoiding so what black children deny his race, if trying to fit in the standards imposed by the society. In the schools, the black children need to know and to value his culture and his race besides the text books, so that his identity is not corrupted. The change urgency is enormous and the beginning has to be immediate, so that the education changes in the main environment of the racism fights, desconstruindo stereotypes and latent ideals in our country.

Key words: Racism; Culture; Race; racial Identity; Education.

Sumário

Memorial	11
1. Introdução	17
2. O papel da escola na construção da identidade de seus alunos	18
2.1. A construção da identidade do aluno negro	20
a) O racismo nos livros didáticos	24
b) As relações sociais como afirmação do racismo no espaço escolar	26
3. Orientação para a Educação Racial	28
3.1. Construção da identidade positiva do (a) aluno (a) negro (a) 	29
a) Materiais alternativos	30
b) Conhecer sua história	34
3.2. Silenciar, não!	35

4. Considerações finais	37
--------------------------------------	-----------

5. Referências	38
-----------------------------	-----------

Memorial

O verdadeiro educador só pode enfrentar a tarefa de transformar o mundo, se não se esquivar à luta pela autotransformação, ao acerto de contas com aquilo que ele tem sido e precisa deixar de ser. É aquele que ao assumir dialeticamente sua função, não pode deixar, portanto de ser um indivíduo capaz de ouvir o outro. É aquele que ao não acreditar demais em suas próprias qualidades, não corre o risco de perder oportunidades de se enriquecer, espiritualmente, com a assimilação das qualidades de seus alunos. Pois, se confiar excessivamente em suas verdades, perde o interesse pelas verdades existentes na perspectiva do seu interlocutor.

O verdadeiro educador deve estar convencido de que, diariamente, lida com a enorme riqueza de expressões do espírito humano. Deve estar possuído pela paixão de contribuir para a transformação do mundo, ter a consciência prévia de que é preciso alimentar a esperança de que um mundo melhor pode ser criado por todos. Pois é incansável a esperança que temos de ser felizes.

Estar convencido de que como educador, sua tarefa consiste em desmascarar as mentiras da sociedade capitalista, pós-tecnológica, expondo suas fraturas internas e contribuindo para erradicar qualquer forma de exclusão social.

Mas a grande dificuldade para um verdadeiro educador está em forjar os sonhos, as aspirações, os movimentos subjetivos voltados para o porvir; que não chegaram a se expressar em realidades objetivas duradouras, embora estivessem prenes de significação histórica e cheias de vida.

Pois educar é caminhar para o futuro. É alcançar os objetivos a que se propõe, tendo quanto a eles, uma clareza: que só podem ser obtidos se procurar recuperar o que foi deixado para trás, nos lugares por onde passou. ”

(O verdadeiro educador, por Vânia Alves a partir da análise da obra de Walter Benjamim, Marxismo na melancolia)

Começo com esse texto que traduz para mim o real significado de se educar, ou mais ainda, de se educar com amor. Sou filha da Vânia, a mesma Vânia que escreveu o texto acima, e de Jacy, ambos professores. Ela formada em história e pós-graduada em relações étnico raciais. Ele formado em geografia e ex-secretário adjunto da SEDF. Sou Maria Eduarda ou Madu, como prefiro ser chamada. Graduanda em Pedagogia na Universidade de Brasília e apaixonada pela educação desde pequena. Sou a caçula desse casamento. Antes de mim, veio Pedro Filipe e Ana Clara. Meus pais se separaram quando eu tinha 7 anos, mas isso nunca foi um grande problema para nós. Mesmo sendo em uma época onde era muito raro ter pais separados, eles sempre nos mostraram que nós éramos uma família e o amor que tínhamos um pelo outro era maior que tudo.

Por ser filha de professores, cresci nesse mundo educacional. Lembro que quando criança acompanhava minha mãe em alguns dias de trabalho. Eram momentos de muito aprendizado, onde eu estava descobrindo o poder de educar. Nas suas aulas, eu via um futuro para mim, eu sabia que, quando maior, seria igual a ela.

Até os 10 anos, a escola para mim era um espaço de sabedoria, experiências e descobertas. Estudei na Escola Classe 18 de Taguatinga e hoje sei que os 5 anos que passei ali foram fundamentais por minha escolha pela educação. Era prazeroso estar na escola, com educadores que nos incentivavam a sonhar e a viver esse sonho.

Minha infância foi muito feliz. Apesar de ser uma criança muito introvertida e tímida, eu adorava ler, brincar, imaginar e sonhar. Ser criança era viver em um mundo mágico que eu nunca queria que acabasse e ainda hoje me nego a deixar esse mundo para trás.

Nos anos seguintes, a educação mostrou o seu outro lado, o lado em que ela deixa de ser transformadora para ser reprodutora. Segui ao longo dos anos fazendo o que sabia que teria que fazer, estudar. Agora a escola não tinha tanto prazer, tudo era feito repetidamente, era cansativo e desgastante. Mas isso nunca foi maior que meu amor pela educação, eu ainda acreditava naquela educação transformadora que fazia muito mais sentido para mim.

Em fevereiro de 2005, nasce Mariana, filha do meu pai com Sulamita, minha madrasta. Meu sonho sempre foi ter um irmão mais novo, então, a chegada de Mari foi um momento de muita felicidade em nossa família, principalmente para mim. No final desse mesmo ano, em outubro, nasce João Felipe que veio para renovar a esperança na minha família, mostrando e comprovando para todos que o amor vai muito além do biológico. João foi destinado para nós já na barriga de sua mãe biológica, foi e ainda é um aprendizado enorme para todos da família.

Com 12 anos tive o privilégio de viver a mais fantástica experiência da minha vida. Meu pai morava fora do Brasil há 5 anos trabalhando em uma Embaixada do Brasil. Minha irmã mais velha, Ana, sentia muita falta do meu pai perto de nós e, após alguns problemas familiares meus pais decidiram que seria bom eu e minha irmã nos mudarmos para a casa de meu pai. Em dezembro de 2006 partimos em direção às histórias e lembranças que levarei para sempre em minha memória. Fomos para São Tomé e Príncipe, um país do continente africano localizado no golfo da Guiné, e composto por duas ilhas principais e algumas ilhotas. Por ser um país muito pequeno, todos já sabiam da nossa chegada, as pessoas foram muito receptivas e logo eu e minha irmã estávamos apaixonadas pelas pequenas ilhas.

De início, tive certa dificuldade de adaptação na escola, o sotaque do português de lá é bastante diferente, as pessoas falavam muito rápido e isso me deixava perdida nas aulas. Mas isso não me deixava desanimada. Pelo contrário, era tudo novidade, tudo era uma descoberta e, por isso, os conteúdos da escola eram muito pequenos para o tamanho de tudo que eu precisava descobrir fora dali. O resultado disso foi a reprovação na sétima série.

No final de 2008, tivemos que voltar para o Brasil, não foi fácil deixar tudo aquilo para trás, mas íamos com o orgulho de levar com nós uma parte da África, uma parte muito pequena que com certeza mudou nossas vidas completamente. Foram dois anos de descobertas, aprendizados e várias experiências vividas. Costumo dizer, que morar em STP me fez ser uma pessoa muito diferente, carregando essa fase da minha vida sempre em minhas bagagens culturais, emocionais e físicas.

Mais uma vez tive que me readaptar, voltar ao Brasil foi mais difícil do que sair dele. Minha realidade era outra, mas agora eu tinha que aceitar. Já tinha 15 anos e o ensino médio tinha chegado, três anos me preparando para o tão esperado vestibular. Eu já sabia que iria para a área de educação, as dúvidas estavam em qual curso seria o certo para mim.

A confirmação veio com um diagnóstico. Meu irmão, com 6 anos na época, tinha acabado de entrar na escola e com a orientação de sua professora e a consulta de um psicólogo veio a surpresa para todos nós da família, o autismo. Não lamentamos em nenhum momento a descoberta do autismo, pelo contrário, sabíamos que o João tinha sido destinado a nós por sermos capazes de enfrentar juntos com ele tudo o que estava por vir. Se eu queria a educação e, ao mesmo tempo precisava descobrir esse mundo, então nada melhor do que a pedagogia.

Foram inúmeros vestibulares feitos sem sucesso, durante meu terceiro ano e após me formar no ensino médio. A UnB era um sonho para mim, mas a cada vestibular fracassado, eu me sentia mais desanimada. Comecei a me cobrar muito ao completar 18 anos e não ter

ingressado na faculdade ainda. Então resolvi fazer uma faculdade particular mesmo. Pesquisei bastante várias faculdades em Brasília e todas suas opções de curso, e apenas um curso me despertou interesse, cinema.

Fui para uma faculdade na asa sul, no início me senti atraída pelo curso, mas ao longo do semestre, vi que aquilo não era o que eu queria, não era a área que eu gostava e por ser em uma localidade bem distante da minha realidade, eu me sentia muitas vezes deslocada. Mas, mesmo não gostando, fui levando o curso adiante.

Até que no final do meu primeiro semestre de cinema, recebo um e-mail do CESPE, informando que eu poderia me inscrever nas vagas remanescentes através do Enem. Aquela faísca de esperança voltou a ser fogueira e sem contar a ninguém me inscrevi e esperei ansiosamente pelo dia do resultado.

Até que o dia chegou e me lembro como se fosse hoje. Esperei contando os segundos para às 17 horas. Colocar meu nome naquele espaço e, logo em seguida, ver que tinha sido aprovada foi a melhor sensação que já tinha sentido, era o meu sonho se realizando! Foi um final de tarde de muita felicidade e comemoração.

Tranquei o curso de cinema e fui viver o meu sonho. Descobri na UnB um mundo novo e pessoas incríveis, que levarei por toda a minha vida. Me transformei em uma pessoa disposta a lutar pelos ideais que acredito e me apaixonei mais e mais pela educação. Agora sim, eu estava fazendo o que eu amava em um lugar que trouxe para mim momentos inesquecíveis.

Com 20 anos, já no quarto semestre do curso, descobri que estava grávida. Namorava fazia alguns anos, mas não foi nada planejado. Numa manhã de domingo, um anjo veio me avisar que havia uma criança sendo enviada para mim. E a confirmação veio dias após em um teste de gravidez. Outro sonho sendo realizado, eu ia ser mãe! Ao mesmo tempo que eu estava muito feliz, estava também com muito medo, principalmente por causa da faculdade.

Eu sabia que não seria fácil, mas eu tive apoio de todos os lados. Meus pais foram minhas pilastras, me ajudando em todos os momentos e não me deixando desanimar. Continuei a ir às aulas mesmo grávida, era cansativo pegar ônibus e voltar tarde para casa, mas em nenhum momento pensei em desistir. Continuei o curso até o fim do quinto semestre, onde tive que me ausentar algumas semanas antes do fim das aulas para o meu grande amor nascer.

Dia 29 de novembro ela veio para mim, agora sim era o momento mais incrível de toda minha vida, Mariah, minha luz chegou! Ela veio no momento certo, veio para dar razão a

todas as minhas escolhas e decisões, veio para me tornar uma pessoa mais responsável e mais confiante. Ela é a escolha mais perfeita, uma criança alegre e feliz.

Já no primeiro semestre de 2015, com a Mariah muito pequena, não me senti apta para voltar às aulas, ainda amamentava e achava que não era o momento certo para me distanciar dela. Então, tranquei esse semestre e, só voltei à UnB no segundo período de 2015 para cursar meu sexto semestre. Foi difícil voltar aos estudos e, ainda mais difícil, ficar longe dela por algumas horas, mas, tudo foi se adaptando, e logo já estávamos acostumados com a rotina.

Algum tempo depois da Mariah completar seu primeiro aninho, eu e seu pai nos separamos. Mais uma vez a adaptação foi complicada, a rotina de morar sozinha com uma criança não é fácil, mas agora eu sei que foi tudo como tinha de ser. Hoje revezo os cuidados dela com a sua avó paterna e o seu pai. Algumas vezes, não tenho com quem deixa-la e por isso acabo levando-a comigo para a aula.

Hoje estou aqui, quase concluindo mais um ciclo: me formar na UnB. Me sinto orgulhosa, com a sensação de dever cumprido, pude viver calorosamente cada momento que a universidade me propôs e eu sei muito bem que a vida na UnB me fará muita falta.

Enfim, chegou o momento da monografia. Pois bem, durante todo o curso eu estive atenta ao que eu poderia levar para a minha própria discussão. Eu poderia falar do autismo, pois eu já convivía com o meu irmão e já tinha aprendido muita coisa durante o curso, porém não era a área que me interessava. Mas afinal, qual era o meu interesse?

Minha mãe sempre trabalhou as questões raciais dentro da sala de aula e dentro da nossa casa também. E, na faculdade, essas discussões sempre me despertavam interesse. Já presenciei o racismo de múltiplas formas no meu cotidiano e sempre isso me incomodou.

Quando mais nova as pessoas me questionavam muito sobre meu cabelo, tanto familiares e conhecidos como pessoas desconhecidas. Eles falavam: “que tom de pele mais bonito, para que usar esse cabelo assim? ”; “porque você não alisa o cabelo? ”; “vai pentear seu cabelo menina”. Eu poderia citar várias frases que já ouvi durante muito tempo, mas isso nunca me abalou, sempre fui muito decidida e minha única resposta era: “eu gosto do meu cabelo assim”.

O racismo não é aceitável de nenhuma ou qualquer maneira, mas quando se trata de crianças, ao meu ver, é mais forte ainda. Crianças são seres em construção, todos nós somos, mas nessa fase, nós estamos nos conhecendo, nos aceitando, nos auto construindo e como nos conhecer, nos aceitar e nos construir, enquanto toda uma sociedade impõe o que você deveria ser.

Por isso, o objetivo principal desse trabalho é refletir sobre a construção da identidade da criança negra nos dias de hoje, analisando o papel da escola nesse processo e por fim, buscar alternativas para que a educação seja o caminho para a igualdade racial.

Como reflexão inicial, deixo esse Rap. É revigorante ver trabalhos como esse ganhando mais e mais espaços dentro da nossa sociedade. Pois acredito, que aos poucos, com cada um fazendo o seu papel, podemos mudar as injustiças raciais.

*“Veja só, veja só,
veja só, veja só
Mas como o
pensar infantil fascina
De dar inveja, ele é puro,
que nem Obatalá
A gente chora ao nascer,
quer se afastar de Alla
Mesmo que a íris traga
a luz mais cristalina
Entre amoras e
a pequenina eu digo
As pretinhas são o
melhor que há
Doces, as minhas favoritas*

*brilham no pomar
E eu noto logo se alegrar
os olhos da menina
Luther King vendo
cairia em pranto
Zumbi diria que
nada foi em vão
E até Malcolm X
contaria a alguém
Que a doçura das
frutinhas sabor acalanto
Fez a criança sozinha
alcançar a conclusão
Papai que bom, porque
eu sou pretinha também”*

Amoras – Emicida

1. Introdução

Esse trabalho é resultado de uma luta que está apenas por começar. O que move essa luta é um incômodo que, por muitos anos, vem sendo, sigilosamente, introduzido de geração em geração: o racismo. A motivação da escolha desse tema veio por meio de algumas inquietações que permeiam os meus pensamentos.

Saber que o preconceito racial é e está presente na nossa sociedade é premissa para que seja necessário questionamentos sobre: como e porque essa realidade ainda acontece? Como a sociedade vem reproduzindo há anos o preconceito? Em meio a essa realidade, como as crianças negras se enxergam e se constroem? E por fim, qual o papel que a escola tem ou deveria ter nesse processo de construção das identidades de seus alunos negros?

Na primeira parte do trabalho pretende-se entender como se dá a construção dos nossos “eus”, enfatizando como a escola será influenciadora nesse processo de construção de identidades. Escola essa que hoje é aparelho ideológico do estado, portanto acaba sendo espelho para o que a mídia e a sociedade vem nos mostrando, como por exemplo, a estereotipia da raça negra, a valorização da cultura europeia e a construção de uma hierarquia racial.

Logo em seguida busca-se compreender como a construção das identidades das crianças negras acontecem de maneira diferenciada, analisando quais meios dentro da escola reforçam o racismo implicando nesses processos de construção.

E porque não mudar isso? O segundo capítulo traz alternativas e meios para que a educação possa combater o preconceito dentro do cenário escolar e conseqüentemente para que um dia a democracia racial esteja presente em nossa sociedade.

Por fim as considerações finais fazem uma suma daquilo que se pretende alcançar com esse trabalho, implicando assim no meu futuro e no futuro da educação que nos permeia em todos espaços sociais.

A metodologia utilizada no trabalho abrange bibliografias que discutem as questões raciais, criticando a forma como a escola apresenta a cultura negra hoje, e também bibliografias que apresentam variadas práticas pedagógicas para se desconstruir o racismo no âmbito educacional.

2. O papel da escola na construção da identidade de seus alunos

Para se iniciar a reflexão em relação a construção da identidade da criança negra, se faz necessário primeiramente entender-se como esse processo de construção acontece na sociedade.

Sabemos que todos nós somos seres em construção, ao longo de nossas vidas vamos nos construindo a partir de nossas vivências e experiências sociais, que aos poucos resultará em nossa identidade. Esta não é algo pronto que carregamos, e sim algo que cada ser constitui em seu processo social. Em suas anotações Vigotski (2000) ressalta essa ideia afirmando que a construção da nossa personalidade se dá pelo conjunto de relações sociais. Ou seja, é no coletivo que nos construímos.

Esse caminho que percorremos é fundamentado pela educação, com ela todos nós nos constituímos como seres sociais, a partir de nossas relações. “A educação se dá no lar, na escola e na sociedade em geral. Nossa educação começa na família e no meio social onde vivemos.” Jesus (2000, p.32).

A esse tipo de educação todos temos acesso, sejamos crianças, adolescentes ou adultos. Essa é a primeira forma de conhecimento que o sujeito internaliza em sua vivência. É no saber cotidiano que o sujeito obtém conhecimento necessário para a construção de sua identidade.

A medida em que crescemos vamos construindo nossa identidade através das nossas relações, tendo como referência o outro. Por isso as relações sociais são de extrema importância na constituição do ser. Para cada sujeito se enxergar e se relacionar no mundo, é necessário o processo de socialização. “A personalidade torna-se para si aquilo que ela é em si, através daquilo que ela antes manifesta como seu em si para os outros. Este é o processo de constituição da personalidade.” Vigotski (2000, p.25)

Portanto, o nosso “eu” é sempre social. Ele se baseia nos outros que estão em nossa volta, a partir de nossas vivências e experiências vividas. Tudo que nos rodeia influenciará em nossa constituição de ser, mesmo sendo inconscientemente, cada pessoa tem papel fundamental na construção do outro. À esse processo também se baseia Vigotski (2000), quando diz que as personalidades são constituídas através das relações interiorizadas de ordem social, ou seja, o que acontece fora, no mundo externo influencia no nosso ser, internamente, mesmo sendo transformadas em processos psicológicos.

Como já vimos, esse processo de construção acontece nas nossas relações sociais, ou seja, na nossa sociedade. Quando digo sociedade, esta cabe o espaço da família e da escola, que serão os mediadores primordiais, apresentando e significando o mundo social.

Não se concebe um desenvolvimento proporcionado exclusivamente pela educação formal, como também não se pode entendê-lo sendo realizado unicamente pelo grupo familiar. Afinal, juntas, escola e família, são responsáveis pela formação do indivíduo. A escola não pode ser valorizada em oposição à educação familiar e vice-versa. Ambas desempenham funções de profunda importância (CAVALLEIRO, 2003, p.12).

O papel da família nesse processo é ser exemplo para que a criança tenha dentro de sua própria casa um espelho de vida. É certo que esse fator influencia majoritariamente na construção do ser, porém aqui neste trabalho quero priorizar o papel fundamental que a escola tem sobre a construção da identidade de seus alunos, principalmente os negros.

Ao ingressar na escola, com quatro anos, a criança já traz em sua bagagem de vida, experiências e vivências que o constituem como ser. E agora no espaço escolar viverão outras novas experiências que construirá e agregará a sua identidade.

Vigotski (2000) afirma essa ideia, falando que o desenvolvimento das personalidades de cada criança primeiro se dá no coletivo em forma de relação entre as crianças, e somente depois a criança internaliza aquelas informações e a transforma em função psicológica da personalidade.

Por isso a entrada e permanência na escola é de extrema importância para a socialização da criança, e por consequência, na construção de sua identidade. É nesse momento em que há uma ruptura das relações, que antes aconteciam essencialmente no espaço familiar, levando a realidade da criança para além de sua casa. Nesse trecho Cavalleiro ressalta a importância da escola nesse processo:

A experiência escolar amplia e intensifica a socialização da criança. O contato com outras crianças da mesma idade, com outros adultos não pertencentes ao grupo familiar, com outros objetos de conhecimento, além daqueles vividos pelo grupo familiar vai possibilitar outros modos de leitura do mundo. (CAVALLEIRO, 2003, p.17)

Nesse espaço a criança tem a oportunidade de internalizar experiências e vivências que levará por toda sua vida e isso agregará a construção de sua identidade. Todas relações que acontecem dentro do espaço escolar influenciarão nesse processo, sejam elas entre professor-aluno, aluno-aluno e etc.

Por isso, a fase em que a criança tem o contato rotineiro com outras pessoas, que não as de sua família, é de extrema importância para esse processo de constituição do seu ser. Deixando de conviver com seus entes e passando a vivenciar outros modos de ver e descobrir o mundo.

Apesar dessa construção da nossa própria identidade ocorrer durante toda a nossa vida, é na infância em que se encontra a fase crucial para o conhecimento de si e sua auto identificação.

Falar em socialização do zero aos sete anos é falar de uma etapa fundamental para o desenvolvimento humano. Tal afirmação supõe considerar a educação recebida pela criança como significativa para o desenvolvimento futuro do sujeito social (CAVALLEIRO, 2003, p.15).

2.1 A construção da identidade do aluno negro

“ Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da sua pele, ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender; E, se elas podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que o seu oposto”. (Nelson Mandela)

Sabendo que nossa identidade é influenciada pelo meio em que estamos, como então se construirá a identidade do (a) negro (a), sendo que, estamos indiscutivelmente vivendo em uma sociedade de cultura hegemonicamente branca?

O papel da escola deveria ser de despertar nos seus alunos a construção de uma imagem positiva de si próprio. Porém o que acontece geralmente dentro das salas de aula em relação a construção da identidade dos alunos negros não é isso.

Nós brasileiros vivemos numa sociedade plural, diversa e desigual. A nossa diversidade se expressa na marcante desigualdade social brasileira entre brancos e negros. São poucos que usufruem da cidadania plena e essa significativa parcela da população tem sido sistematicamente empurrada para as margens da sociedade. Nesse trecho de Cavalleiro é possível perceber essa desigualdade expressa nas diferenças raciais:

Numa sociedade como a nossa, na qual predomina uma visão negativamente preconceituosa, historicamente construída, a respeito do negro e, em contrapartida, a identificação positiva do branco, a identidade estruturada durante o processo de socialização terá por base a precariedade de modelos satisfatórios e a abundância de estereótipos negativos sobre negros (CAVALLEIRO, 2003, p.19).

É certo que o racismo está presente na nossa sociedade, seja em formas estereotipadas da raça negra, seja na valorização da cultura europeia ou na desvalorização da cultura africana. Para Silva (2008) os negros são representados, em grande parte, nos meios de comunicação e materiais pedagógicos, sob forma estereotipada e caricatural, despossuídos de humanidade e cidadania, afirmando assim esse racismo latente em nossa sociedade.

Essa representação afirma para todos a existência de uma hierarquia racial, onde há sempre um julgamento pela cor da pele, excluindo os negros e exaltando os brancos. Na educação isso é reafirmado pois:

o espaço escolar reproduz o modelo de beleza branca/europeia predominante nos meios de comunicação e na vida social. A ocorrência desses acontecimentos também na escola parece confirmar às crianças uma suposta superioridade do modelo humano branco. (CAVALLEIRO, 2001, p.145)

Como não há uma representatividade dos negros tanto na escola, como na sociedade em geral, os (as) alunos (as) negros (as) acabam negando sua raça e buscando uma forma de reconhecimento através da valorização da cultura europeia. O que implica ainda mais na desvalorização da cultura afro e da raça negra, fazendo com que o racismo seja presente dentro das escolas de forma inquestionável.

Para Souza (2001) os negros negam sua raça por não encontrarem, na sociedade, sua representatividade. Pois, a imagem do negro está ausente em todos nossos espaços, e se por ventura chegam a aparecer, estão representados de maneira inferior ou humorística. Fazendo com que, principalmente as crianças, não queiram se assimilar a raça negra.

Por esse papel do negro estar ausente nos nossos espaços, apenas aparece frequentemente, de maneira positiva, a imagem do branco. E por isso, a população negra acaba, a cada dia mais, tentando se enquadrar nos modelos brancos e da cultura europeia, negando tudo o que a não é imposto pela sociedade.

As referências das populações negras continuam sendo imposições dos parâmetros brancos que ditam regras e estabelecem padrões de comportamento para, por exemplo, os cortes e colorações de cabelo, o consumo e o estilo de vida, o ensino das artes, histórias e antiguidades

européias. Promove o silenciamento da perspectiva da África, dos africanos e dos brasileiros negros, fomentando a marginalização de seus papéis na história geral e do Brasil. Os códigos que podem gerar identificação e autoconsciência são subtraídos em função da hegemonia dos não-negros, ricos e detentores de poder (SILVA, 2014, p.30-31).

Na escola esse modelo infelizmente é refletido, fazendo com que as crianças negras não se identifiquem com sua raça, a negando, e valorizando então a cultura dominante, a cultura europeia. Para Cavalleiro (2001, p.145) posturas como essa “são acontecimentos que podem parecer apenas um detalhe do cotidiano pré-escolar, porém são reveladores de uma prática que pode prejudicar severamente o processo de socialização de crianças negras, imprimindo-lhes estigmas indelévels”.

Na escola o racismo está presente em inúmeros momentos e espaços e na maioria das vezes ele acaba sendo ignorado, fazendo com que essas práticas discriminatórias continuem sendo frequentes nos espaços educacionais. Em suma:

O racismo é uma prática diária e difundida. Ele é onipresente e forte. Como ele se manifesta nas escolas? [...]. Quando falamos em discriminação étnico-racial nas escolas, certamente estamos falando de práticas discriminatórias, preconceituosas, que envolvem um universo composto de relações raciais pessoais entre os estudantes, professores, direção da escola, mas também o forte racismo repassado pelos livros didáticos. Não nos esqueçamos, ainda, do racismo institucional, refletido nas políticas educacionais que afetam negativamente o negro (SANT'ANA, 2008, p.45).

O negro na sociedade brasileira continua sendo aleijado da participação digna, democrática e cidadã e, portanto, da educação formal desse país. Transformando tudo isso em um ciclo, onde o negro é marginalizado socialmente e muitas vezes culpado por seus fracassos na vida social e profissional e atribuindo isso apenas ao fator econômico, como se esse influenciasse radicalmente no seu processo escolar e profissional e não atribuindo o fracasso ao racismo existente na sociedade e nas escolas atualmente.

Esse sistema meritocrático acaba excluindo o negro da chance de inserção em uma trajetória escolar e profissional digna, onde o fracasso é apontado como resultado de uma postura preguiçosa e desinteressada do sujeito negro e nunca se tem um olhar para o racismo como causador dessa realidade. Em relação a esse assunto, Silva diz que os negros:

Convivem diariamente com diversas formas de preconceito racial que apresentam, por vezes, seu significado atribuído a razões econômicas (e não raciais), de forma que chega-se a acreditar em alguns casos, que não há preconceito racial atualmente no Brasil. (SILVA, 2014, p.30)

A escola que deveria se opor, a esse sistema preconceituoso, para que desconstrua estereótipos e ideais, acaba sendo um mecanismo para a reprodução desse racismo existente na sociedade. “[...] não podemos esquecer que somos produtos de uma educação eurocêntrica e que podemos, em decorrência desta, reproduzir consciente ou inconscientemente os preconceitos que permeiam nossa sociedade”. Munanga (2008, p.11).

Essa recusa de suas características afrodescendentes é inquestionavelmente presente nas concepções das crianças negras. E o sistema educacional, como um todo, é uma das bases para o acontecimento disso.

Acontecimentos como esses contribuem para um sentimento de recusa às características raciais do grupo negro e fortalece o desejo de pertencer ao grupo branco, como o exemplo mostra: “ *É, eu disse para ela [à professora] que eu não queria ser preta, eu queria ser como a Angélica Ela é bonita!* ”. (CAVALLEIRO, 2001, p. 145)

A criança negra busca por meio de seu espelho eurocêntrico e branco se enquadrar nas características que a nossa sociedade mostra como melhor, levando por muitas vezes para o imaginário comum que ser negro não é bom e/ou é inferior. “ Essas questões estão centradas na ideia de que diferentes grupos raciais ou classes sociais são superiores uns aos outros” (ROSSATO E GESSER, 2001, p.12).

Então, a escola sendo espaço que reflete esse racismo existente no Brasil, acaba formando em seus alunos, brancos e negros, identidades racistas, que por consequência levará adiante em nossa sociedade tais ideais preconceituosos.

a) O racismo nos livros didáticos

Como já disse, no espaço escolar o racismo está introjetado de diferentes maneiras. E para o início de uma busca pela democracia racial, faz-se necessário pesquisar, compreender e averiguar onde e como está situado em nosso cotidiano escolar:

Partindo da tomada de consciência dessa realidade, sabemos que nossos instrumentos de trabalho na escola e na sala de aula, isto é, os livros e outros materiais didáticos visuais e audiovisuais, carregam os mesmos conteúdos viciados, depreciativos e preconceituosos em relação aos povos e culturas não oriundos do mundo ocidental. Os mesmos preconceitos permeiam

também o cotidiano das relações sociais de alunos entre si e de alunos com professores no espaço escolar. No entanto, alguns professores, por falta de preparo ou por preconceitos neles introjetados, não sabem lançar mão das situações flagrantes de discriminação no espaço escolar e na sala[...]. (MUNANGA, 2008, p.11)

Os livros didáticos utilizados nas escolas brasileiras, que com o intuito de repassar conhecimento, acabam mais uma vez reforçando estereótipos e inferiorizando a cultura e a raça negra, de uma forma mascarada, onde por muitas vezes nem mesmo o professor tem conhecimento do prejuízo que tais livros podem causar em seus alunos.

Esse material reforça negativamente a cultura africana. Nossa educação é majoritariamente eurocêntrica e branca, fazendo com que o papel do negro dentro da sala de aula não seja reconhecido, conseqüentemente priorizando e destacando os brancos e sua cultura. A democracia racial dentro do espaço escolar está longe de ser realidade, ao contrário dessa democracia vivemos uma hierarquia de classes tanto em nossa sociedade, como também, nas nossas escolas. O negro sempre aparece para os alunos de uma forma que o inferioriza, como relata o trecho a seguir:

Geralmente, quando personagens negros entram nas histórias, aparecem vinculados à escravidão. As abordagens naturalizam o sofrimento e reforçam a associação com a dor. As histórias tristes são mantenedoras da marca da condição de inferiorização pela qual a humanidade negra passou. Cristalizar a imagem do estado de escravo torna-se uma das formas mais eficazes de violência simbólica. Reproduzi-la intensamente marca, numa única referência, toda a população negra, naturalizando-se, assim, uma inferiorização datada. [...]. O problema não está em contar histórias de escravos, mas na abordagem do tema. Geralmente, a queixa de crianças negras se sentirem constrangidas diante do espelho de uma degradação histórica nos alerta que o mesmo mecanismo ensina para a não negra uma superioridade (LIMA, 2008, p.100).

Esse modo de representação da história e cultura africana apresentada nos livros, acaba contribuindo para que a imagem do negro seja inferiorizada perante os alunos, pois não há uma problematização dos assuntos tratados ali e ainda mais importante, não há a preocupação em apresentar o outro lado da história da raça negra e sua cultura.

O negro aparece apenas como escravo, excluindo toda sua história e cultura, para além do período de escravidão. Exalta-se assim a história branca e europeia, tornando sua cultura como a mais importante. “ No livro didático a humanidade e a cidadania, na maioria das vezes, são representadas pelo homem branco e de classe média. A mulher, o negro, os povos

indígenas, entre outros, são descritos pela cor da pele ou pelo gênero, para registrar sua existência”. (SILVA, 2008, p.17).

No ensino da história na sala de aula, os livros e por consequência os professores, não tem a preocupação de apresentar a seus alunos o papel da população negra em cada período da construção das nossas sociedades, como se o negro não estivesse presente em muitos momentos históricos. Enfatizando também que o negro só existiu no período de escravidão e em seguida teria sumido de todos papéis sociais. Assim como diz Silva:

[...]ao se falar da história da população negra nos conteúdos dos livros didáticos, aparece desvinculada a sua participação da história tradicional (conteúdo hegemônico), destacando-se apenas os elementos culturais, como características de “personalidade nacional”, descontextualizados de seus valores históricos, simbólicos e ancestrais. Especificamente sobre o ensino de História. (SILVA, 2014, p.27)

Esses materiais expressam e perpetuam uma ação racista que acontece e está presente na nossa sociedade. O aluno negro ao se ter conhecimento apenas de uma informação depreciativa da cultura e raça negra acaba negando toda a sua ancestralidade. Porém há muitas lutas para que ao menos o professor saiba contornar e criticar as informações apresentadas no livro didático e acrescentar ao currículo escolar outras maneiras de conhecimento da cultura negra.

Em seu texto Silva (2001) nos mostra que essas lutas acontecem desde os primeiros anos da década de 1980, com o Movimento Negro. Eles vem enfatizando, desde então, dois aspectos importantes em sua luta: o livro didático e o currículo escolar, que como discutido acima, são fatores que influenciam o racismo no espaço escolar.

No que tange ao livro didático, denunciaram-se a sedimentação de papéis sociais subalternos e a retificação de estereótipos racistas, protagonizados pelas personagens negras. Apontou-se a medida em que essas práticas afetavam crianças e adolescentes negros/as e brancos/as em sua formação, destruindo a auto-estima do primeiro grupo e cristalizando, no segundo, imagens negativas e inferiorizadas da pessoa negra, empobrecendo em ambos o relacionamento humano e limitando as possibilidades exploratórias da diversidade étnico-racial e cultural. No que se refere aos currículos escolares, chamou-se a atenção para a ausência dos conteúdos ligados à cultura afro-brasileira e à história dos povos africanos no período anterior ao sistema escravista colonial. (SILVA, 2001, p.65-66)

É indiscutível que os livros utilizados hoje em sala de aula são instrumentos de reforço ao racismo, excluindo o espaço de representação dos negros e sua cultura. Porém este

não é a única forma de reprodução da desigualdade racial no espaço escolar. Há várias outras vertentes em que se ocorre o racismo, como por exemplo as relações sociais do cotidiano escolar.

b) As relações sociais como afirmação do racismo no espaço escolar

As relações sociais acabam sendo mecanismos de confirmação do racismo existente nas escolas. Sem perceber, ou até mesmo percebendo, os professores acabam tendo um tratamento inferior para com seus alunos negros, levando para a sala de aula uma imagem pré-concebida sobre esses alunos e fazendo com que cada vez mais, os próprios percam seus interesses pelos estudos.

À isso se atribui a evasão escolar de muitos alunos negros, e por consequência seu fracasso escolar e profissional na vida adulta. O aluno negro, ao ser discriminado e desestimulado perde o interesse na escola. E frequentemente, o professor e o corpo escolar não tendo o interesse de averiguar quais as questões desse desinteresse do aluno, acaba não procurando uma solução para que se estimule o aprendizado daquele aluno.

Os alunos, geralmente os então chamados “caboclos”, eram discriminados pela própria professora e pelos colegas brancos. Eles eram considerados alunos “atrasados” porque com frequência apresentavam dificuldades de aprendizagem, e muito pouco ou nada era feito para ajuda-los na superação de suas dificuldades. (ROSSATO E GESSER, 2001, p.19)

Toda essa relação dentro do espaço escola reflete a sociedade racista em que vivemos. O racismo que acontece nessas relações já está no inconsciente de todos, pois o professor ao chegar em sua sala de aula, trazendo consigo princípios negativos pré-concebidos sob seus alunos negros, mostra que essa educação é apenas reflexo da nossa estrutura hegemonicamente branca. E por consequência:

O professorado, em geral, não percebe as graves diferenças existentes nos resultados escolares de crianças negras e brancas. Não estabelece relações entre raça/etnia, gênero e desempenho escolar, e não percebe também como essa não-percepção interfere na sua própria conduta. Entretanto, sabe-se que as representações determinam as relações, os comportamentos, as expectativas e as interações sociais. Assim, o despreparo constitui campo fértil para que o racismo se perpetue e a discriminação racial sofra mutações próprias do ambiente escolar. (SILVA, 2000, p.66-67)

Por consequência dessa imagem errônea, pré-concebida, pela sociedade em relação aos negros, os professores acabam levando para escola ideias que mesmo sem conhecer seus alunos negros, assimila tal imagem negativa para com eles, desacreditando de suas potencialidades e seus avanços. Visivelmente:

Nos processos de seleção escolar ainda parece difícil acreditar-se a priori que uma criança negra seja capaz de grandes vôos cognitivos. As crianças mais claras são mais estimuladas a isso, e, mesmo que sejam exceção, é o que acontece até mesmo nas periferias. [...] A rejeição precisa ser compreendida pelos educadores, negros ou brancos, porque assim podemos educar crianças para que convivam com as outras sem que riem ou chorem por causa de seus olhos, seus lábios, sua cor de pele ou textura capilar. (SOUZA, 2001, p.61)

É uma utopia afirmar que haverá democracia racial nas escolas e na sociedade em geral, porém há formas para se desconstruir preconceitos existentes nesses espaços. A educação é a ferramenta crucial para que se inicie urgentemente esse processo. Os educadores e futuros educadores precisam estar engajados para que o racismo não esteja mais presente dentro das salas de aula e conseqüentemente na sociedade em geral. Mas para isso é preciso ter conhecimento de práticas importantes e necessárias para a construção de uma igualdade racial na sala de aula. A seguir será apresentado alternativas para esse caminho.

3. Orientações para a Educação Racial

“É importante destacar que a garantia legal dos direitos não promove sua concretização. São atitudes efetivas e intencionais que irão demonstrar o compromisso com tais direitos. Reconhecer as diferenças é um passo fundamental para a promoção da igualdade, sem a qual a diferença poderá vir a se transformar em desigualdade”.
(Patrícia Santana)

De início, para se trabalhar com uma educação racial se faz necessário afirmar que nossa sociedade é historicamente racista, e por conseguinte a nossa educação também. Tendo essa análise para com todo esse sistema que pertence a uma hierarquia racial, temos que ter um olhar como educadores para entender que esse tipo de educação nos incomoda e não se pode mais aceitar isso.

De imediato, precisamos também entender que o racismo não é só responsabilidade da população negra, pois foi construído durante séculos através de toda uma sociedade predominantemente branca. E por isso tem que ser um problema de toda essa sociedade que o construiu e que o perpetua. Esse assunto tem que estar presente em vários espaços educacionais, para que se construa, coletivamente, uma crítica a essa realidade e que por fim poderá alcançar uma igualdade esperada.

Portanto, nessa parte do trabalho apresentarei práticas, com base teórica, que nega todos os modos de racismo existentes no sistema educacional brasileiro. É certo que a democracia racial tanto na nossa sociedade, como um todo, como nas nossas escolas, está longe de ser realidade, porém nós professores temos o dever de dentro da sala de aula iniciar uma luta insistente para que ao menos nossos alunos tenham consciência de uma sociedade mais diversa e plural.

Ocorre que as questões raciais e o conflito gerado por elas têm sido vivenciados diariamente pela sociedade brasileira. A escola é locus privilegiado para a emergência desses embates, porque ali se encontram crianças e adolescentes pertencentes a diferentes grupos fenotípicos. (SOUZA, 2001, p.39)

Como já foi dito, o nosso sistema educacional é hegemonicamente branco e europeu, o negro e a cultura africana são descartados dentro das salas de aula, não havendo uma

preocupação em se contextualizar a diversidade étnico-racial existente hoje. Por isso, cabe ao professor tomar atitudes que vão contra todo esse sistema, trabalhando então pontos cruciais na valorização da cultura e da raça negra, para que seus alunos tenham conhecimento dessa diversidade.

Vivemos em um mundo diverso e multiétnico e por isso precisamos compreender que toda essa diversidade deve ser respeitada em suas subjetividades, afirmando então que nenhuma cultura deve se sobrepor a outras.

Qual seria então o papel do educador? A primeira atitude é importantíssima: compreender os alunos como indivíduos pertencentes a culturas coletivas. Sendo assim, um aluno não é igual ao outro, nem mesmo entre os aparentemente iguais[...]. A diferença e, sobretudo a compreensão e o respeito à diferença, é a primeira postura que se deve ter como educador (ROMÃO, 2001, p.162).

3.1 Construção da identidade positiva do (a) aluno (a) negro (a)

É necessário que o (a) aluno (a) negro (a) reconheça a sua origem e saiba a sua importância e para que isso ocorra tem que ter representatividade nas escolas. A consciência da necessidade de afirmação é urgente. As desigualdades sociais, culturais, econômicas e raciais encontram-se refletidas no sistema educacional brasileiro. O pertencimento racial é central na definição e na construção dessa igualdade. A instituição escolar deve ser o principal espaço como meio para se combater essa realidade, e o professor tem que estar preparado para essa luta.

Romão (2001) diz que os educadores tem o papel fundamental de levar o conhecimento da cultura negra e afro até os seus alunos, pois se vendo representadas e valorizadas, as crianças negras terão auto-estima suficiente para afirmarem a sua cultura e sua raça.

Vejo que essa caminhada para a igualdade racial é árdua e longa, porém não impossível. O início tem que ser de imediato, para que as mudanças comecem a acontecer. Portanto:

A partir de toda esta configuração, o fortalecimento e a autoafirmação das identidades negras podem ser ferramentas poderosas para o combate das desigualdades sociais e do preconceito racial. Uma das vias mais essenciais para que esta tomada de consciência seja realizada é a educação, e

especificamente o Ensino de História, na rede pública de ensino (SILVA, 2014, p.30).

a) Materiais alternativos

Para se sentirem representadas, as crianças negras precisam se enxergar nestes espaços. E para isso o professor pode utilizar materiais alternativos que mostram a importância e a valorização da raça negra, para que cada aluno negro se enxergue como pertencente daquele espaço e para que, também, o aluno branco saiba a importância da valorização das diversas culturas e raças do nosso país.

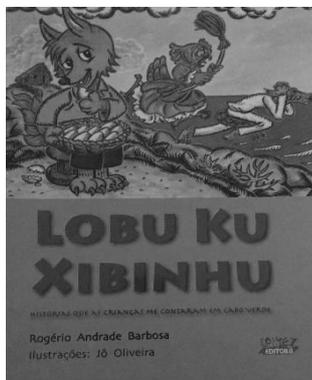
Hoje podemos encontrar facilmente livros infantis que trabalham questões como essa, basta o professor ter interesse em buscar tais materiais para se trabalhar com seus alunos, “se ele não estiver sensibilizado por essa questão, [...] suas atitudes e seu direcionamento da leitura podem acabar reforçando um imaginário estereotipado sobre o negro” (SOUSA, 2001, p.213).

Os materiais utilizados em sala de aula hoje não contemplam a realidade da diversidade cultural que existe na sociedade. O papel do negro é inferiorizado por esses livros e o do branco é supervalorizado, colocando assim a sua cultura europeia em destaque em relação as outras culturas. Por isso há a necessidade de buscar materiais diversos que destaquem a importância do multiculturalismo.

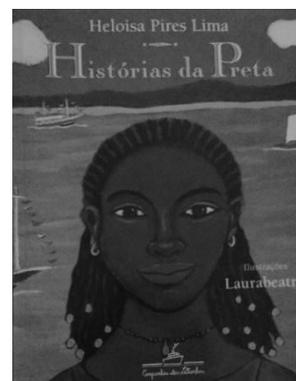
Sabe-se que um/a profissional capacitado/a estará apto/a a reverter de maneira positiva um material didático eventualmente ruim[...]. Entretanto, para que esse trabalho seja mais efetivo é necessário o apoio de recursos didático-pedagógicos alternativos, ou seja, que alterem o status quo e apresentem novas possibilidades. Todo esse esforço teórico e prático tem como objetivo que o professorado compreenda a particularidade da condição racial dos/as alunos/as e assim dê um passo para promover a igualdade. É preciso compreender que a exclusão escolar é o início da exclusão social das crianças negras. (SILVA, 2001, p.66).

Há diversos meios em que podemos encontrar temáticas raciais para se trabalhar na escola, como por exemplo, livros, curta e longa metragem, vídeos musicais, letras de música e etc. Porém deve-se atentar ao fato de que nem todos materiais que falam do negro mostram ele de forma positiva, pois apenas falar do assunto não garante uma educação antirracista. O educador deve sempre conhecer e avaliar o material antes de repassar a seus alunos. Abaixo tem alguns exemplos que podemos utilizar em sala de aula:

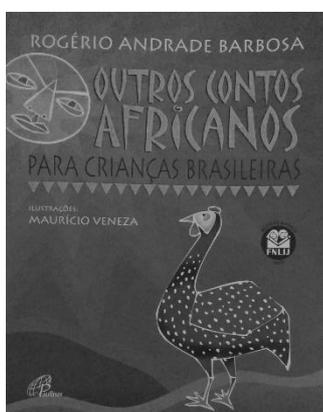
- **Livros:**



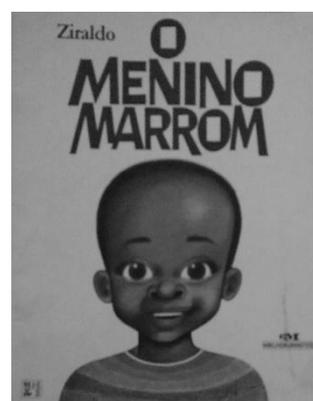
BARBOSA, R. A. *Lobu Ku Xibinhu, histórias que as crianças me contaram em Cabo Verde.* São Paulo. Cortez, 2013



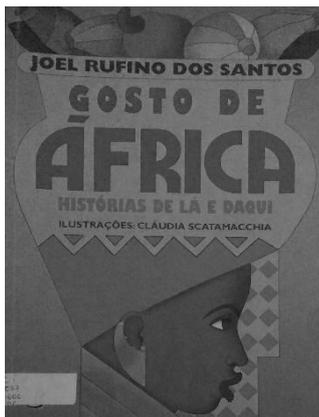
LIMA, H. P. *Histórias da Preta.* São Paulo. Companhia das letrinhas, 1998.



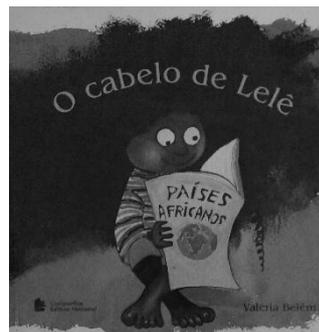
BARBOSA, R. A. *Outros contos africanos para crianças brasileiras.* São Paulo. Paulinas, 2008.



PINTO, Z. A. *O menino marrom.* São Paulo. Melhoramentos, 2004.



SANTOS, J. R. dos. *Gosto de África, histórias de lá e daqui*. São Paulo. Global, 2005.



BELÉM, V. *O cabelo de Lelê*. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 2007.

• Outros livros:

- ✓ BELÉM, V. *O cabelo de Lelê*. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 2007.
- ✓ ALMEIDA, G. de. *Bruna e a galinha d'Angola*. Rio de Janeiro. Pallas.
- ✓ BARBOSA, R. A. *Histórias africanas para contar e recontar*. Editora do Brasil.
- ✓ DIOUF, S. A. *As tranças de Bintou*. Tradução: Charles Cosac.
- ✓ MACHADO, A. M. *Menina bonita do laço de fita*. São Paulo. Ática.
- ✓ PATERNO, S. *A cor da vida*. Editora: Lê.
- ✓ PRANDI, R. *Xangô, o trovão*. São Paulo. Companhia das letrinhas, 2003.
- ✓ RUFINO, J. *Gosto de África, estórias de lá e daqui*. Global.
- ✓ AIBÊ, B. *A ovelha negra*. São Paulo. Mercury, 2003.
- ✓ ARAÚJO, L. M. *Olhos cor da noite*. Belo Horizonte. Oficina do pensamento, 2004.
- ✓ BRAZ, J. E. *Pretinha, eu?* São Paulo. Scipione, 1997.
- ✓ ROCHA, R. *...que eu vou para Angola*. Rio de Janeiro. José Olympio, 1998.

• Músicas:

- ✓ Canto das três raças – Clara Nunes
- ✓ Dia de graça – Candeia

- ✓ Canta Brasil – Alcyr Pires Vermelho
- ✓ Haiti – Caetano Veloso e Gilberto Gil
- ✓ Kizomba, Festa da raça – Luiz Carlos da Vila
- ✓ Lavagem Cerebral – Gabriel, o pensador
- ✓ Mao de limpeza – Gilberto Gil
- ✓ Milagres do povo – Caetano Veloso e Gilberto Gil
- ✓ Pelo telefone – Ernesto dos Santos
- ✓ Retrato em Claro e Escuro – Racionais – MC's
- ✓ Sorriso Negro – Dona Ivone Lara

• Vídeos/Filmes

- ✓ **Cobaias.** 1997. 118 min. Alfre Woodard.
- ✓ **Kiriku.** 1998. 71 min. Michel Ocelot.
- ✓ **Narciso, Rap.** 2003. 15 min. Jéferson De.
- ✓ **O contador de Histórias.** 2000. 50 min. Roberto Carlos.
- ✓ **Sonho americano.** 1996. 118 min. David Knoller.
- ✓ **Tudo aos domingos.** 1998. 05 min. George Tillman.
- ✓ **Um grito de liberdade.** 1987. 157 min. Richard Attenborough.
- ✓ **Uma onda no ar.** 2002. 92 min. Helvécio Ratton.
- ✓ **Vista minha pele.** 2003. 50 min. Joelzito Araújo.

b) Conhecer sua história

"Não sou descendente de escravos. Eu descendo de seres humanos que foram escravizados." (Makota Valdina)

Para além da representação por meio de imagens, é necessário para o reconhecimento racial, o conhecimento de sua historicidade, ou seja, sua ancestralidade. As crianças brancas e negras precisam conhecer a história da África para além do livro didático, para que assim tenham sabedoria da importância da cultura africana. “[...] as atividades pedagógicas também devem [...] favorecer a possibilidade do diálogo, do respeito e da valorização das diferentes culturas que compõem a formação da sociedade brasileira.” Santana (2006, p.43)

O Brasil é um país miscigenado que herdou os valores da cultura africana e por isso é necessário que todos tenham conhecimento sobre o continente africano ou, a mãe África. Qual a relação que a nossa história tem com os povos africanos? Como eles contribuíram para nossa cultura? E qual a importância da África para o povo brasileiro?

Em outras palavras, desejamos inspirar as educadoras e os educadores à efetivação de uma cultura escolar cotidiana de reconhecimento dos valores civilizatórios africanos como possibilidade pedagógica na construção dos conhecimentos.” Rocha e Trindade (2006, p.54)

O que se aprende na escola é apenas a questão de que o negro africano foi escravizado no Brasil, pouco se tem conhecimento de sua historicidade pré-escravidão e pós-escravidão e são assuntos como esse que se deve ter atenção dentro do espaço escolar. Nesse trecho Cavalleiro mostra a importância de se conhecer a luta da população negra nesse período de escravidão:

[...]a população negra que para cá foi trazida tinha uma história da vida passada no continente africano[...]. A fuga dos/das trabalhadores (as) escravizados (as), a compra e a conquista de territórios para a formação de quilombos materializam as formas mais reconhecidas de luta da população negra escravizada[...]. Cabe, portanto, ligar essas experiências ao cotidiano escolar. Torná-las reconhecidas por todos os atores envolvidos com o processo de educação no Brasil, em especial professores (as) e alunos (as). De outro modo, trabalhar para que as escolas brasileiras se tornem um espaço público em que haja igualdade de tratamento e oportunidades. (CAVALLEIRO, 2006, p.20)

Se ter conhecimento da cultura que nos permeia por toda nossa vida é de extrema importância para a construção de nossas subjetividades, conhecer o passado para se ter

consciência de um presente e, ainda mais de um futuro, é necessário para que a população negra se veja como sujeito indispensável na construção da história e cultura brasileira, para que o imaginário de valorização de uma cultura dominante acabe. O negro precisa se enxergar nesse processo de construção do nosso país, e mais ainda, precisa saber o quão importante foi e é a sua participação nos nossos espaços sociais.

Estabelecer um diálogo com este passado por meio de pesquisas, de encontros com a ancestralidade, preservada ou reinventada, é fundamental no sentido de não hierarquizar, idealizar ou subestimar as diversas motivações/manifestações sociopolíticas e culturais que dele fizeram parte (ROCHA E TRINDADE, 2006, p.56).

3.2. Silenciar, não!

Dentre tantas alternativas apresentadas nesse trabalho para a educação racial nas escolas, esta é fator determinante para que todas outras já citadas não tenham resultados fracassados. De nada adianta aplicar conceitos e se trabalhar com eles dentro de sala, se na prática nos silenciarmos diante de fatos discriminatórios.

Por isso é papel do educador para que a educação caminhe para a igualdade racial “ identificar nos textos e imagens componentes preconceituosos e discriminatórios, discutir com os demais educadores e alunos, e não silenciar”. (POLITICAS DE PROMOÇÃO A IGUALDADE RACIAL NA EDUCAÇÃO)

Como já se sabe, o racismo é uma realidade presente em nossa sociedade e ninguém está imune de em algum momento ser o próprio racista, por isso o principal foco de todos nós, deve ser de se reconhecer perante suas atitudes preconceituosas e desconstruí-las, para assim, obter relações humanas. Santana (2006) diz que:

Precisamos questionar as escolhas pautadas em padrões dominantes que reforçam os preconceitos e estereótipos. [...] o que significa recuperar ou construir princípios para os cuidados embasados em valores éticos, nos quais atitudes racistas e preconceituosas não podem ser admitidas. Nessa direção, a observação atenciosa de suas próprias práticas e atitudes poderá permitir às educadoras rever suas posturas e readequá-las em dimensões não-racistas. (SANTANA, 2006, p.37)

Então, os educadores como principal fonte de conhecimento e exemplo de seus alunos, não deve admitir e aceitar atitudes preconceituosas, discriminatórias e racistas dentro do espaço escolar. Não se omitindo perante quaisquer ações inferiorizantes entre alunos e até mesmo entre outros educadores. “Manifestar-se contra as formas de discriminação é uma tarefa da educadora, que não deve se omitir diante das violações de direitos das crianças.” Santana (2006, p.30)

Silenciando, o professor estará mais uma vez, reafirmando uma educação racista, onde não há espaço para a crítica e conscientização dessa realidade preconceituosa. Por isso, o professor tem sempre que estar atento aos seus alunos, para que ao presenciar atitudes ou falas discriminatórias, possa desconstruir junto com a turma, tais realidades.

O silêncio da escola sobre as dinâmicas das relações raciais tem permitido que seja transmitido aos (as) alunos (as) uma pretensa superioridade branca, sem que haja questionamento desse problema por parte dos (as) profissionais da educação e envolvendo o cotidiano escolar em práticas prejudiciais ao grupo negro. Silenciar-se diante do problema não apaga magicamente as diferenças, e ao contrário, permite que cada um construa, a seu modo, um entendimento muitas vezes estereotipado do outro que lhe é diferente. Esse entendimento acaba sendo pautado pelas vivências sociais de modo acrítico, conformando a divisão e a hierarquização raciais (CAVALLEIRO, 2006, p.21).

A escola não pode ser mais espaço de hierarquias, a superioridade branca tem que acabar, pois a diversidade cultural precisa ser trabalhada no espaço escolar, para que os alunos tenham conhecimento de como nosso país é plural, respeitando assim todas as raças.

O racismo não deve ser discutido e combatido apenas pela população negra, pois ele permeia toda a nossa sociedade, ele atravessa todos os tipos de culturas e raças. Portanto:

As pessoas de identidade racial branca podem contribuir na construção de situações justas, desenvolvendo a conscientização da proteção invisível que os favorece, reconhecendo sua situação de privilégio por conta de sua cor étnica e eliminando assim a alienação e a desvalorização do outro (ROSSATO E GESSER, 2001, p.28)

4. Considerações finais

“A educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (Paulo freire)

A realidade racial hoje é entristecedora, vivemos em uma sociedade branca que não se permite abrir espaços para as demais culturas existentes em nosso país. Os (as) negros (as) não se sentem representados em quaisquer espaços dos nossos meios, e por isso acabam negando a sua ancestralidade.

Se o racismo existe na sociedade, isso acontece porque existem lugares que o permitem atuar, como a escola por exemplo. Quando se fala e se prioriza uma história que durante todo o ano discrimina a imagem do negro, mas no dia 20 de novembro o trata de forma espetacularizada, está se permitindo que práticas racistas possam acontecer, pois não existe uma veracidade, um compromisso com as culturas de povos que constituíram a nossa sociedade. (ROCHA, 2016 p.46)

Os (as) negros (as) precisam ter representatividade em todos espaços, principalmente nas escolas, onde a criança negra irá atribuir conceitos em sua identidade. Por isso, acredito severamente que a educação é a arma mais poderosa para se desviar dessa realidade. Com esse trabalho começo minha luta por um futuro com uma educação e sociedade igualitárias, sem racismo e sem preconceito. Hoje é uma utopia afirmar isso, porém aos pouco, nos esforçando, podemos juntos alcançar esse sonho.

A cultura afro precisa ser vista e conhecida para além dos livros didáticos, para que crianças negras tenham conhecimento de sua ancestralidade e também, não menos importante, para que crianças brancas saibam a importância das mesmas, respeitando-as.

Por tanto, esse será meu papel como educadora, apresentar aos meus alunos a importância da cultura negra para que seu real significado seja repensado no presente e valorizado no futuro, construindo coletivamente em sala de aula uma nova perspectiva para a raça negra e sua cultura.

O que traduz o significado do título desse trabalho: SANKOFA¹. “Sankofa é um pássaro africano de duas cabeças, uma voltada para o passado e outra voltada para o futuro, e segundo a filosofia africana significa voltar ao passado para resignificar o presente. ” “ Em outras palavras, volte às suas raízes e construa sobre elas para o desenvolvimento, o progresso

e a prosperidade de sua comunidade em todos os aspectos da realização humana. ”
(NASCIMENTO, 2000, p.18)

Por fim, a elaboração desse trabalho me enriqueceu muito, a leitura de diferentes textos me fez compreender mais a temática racial e abriu novos horizontes para minha futura vida profissional, pois quando formada serei com toda certeza, uma educadora disposta a lutar por meus ideais e pelo fim do racismo. Este é apenas o início de uma grande jornada que tenho pela frente.

Espero que esse trabalho sirva como inspiração e fonte de conhecimento para outros educadores que também estejam dispostos a buscar essa mudança, para que a utopia da democracia racial seja alcançada.

¹ Disponível em: <https://projetomitologia1.wordpress.com/2011/10/10/sankofao-passaro-ancestral/>
Acessado em: 15/12/2016

5. Referências

CAVALLEIRO, E. dos S. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.** São Paulo: Contexto, 2003.

CAVALLEIRO, E. dos S. Educação anti-racistas: compromisso indispensável para um mundo melhor. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola.** Eliane Cavalleiro, organizadora. São Paulo, Selo Negro, 2001.

CAVALLEIRO, E. dos S. Introdução. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais.** Brasília, SECAD, 2006.

JESUS, I. F. de Educação, gênero e etnia em território negro. **Negros, territórios e Educação.** Série pensamento negro em educação. Ivan Costa Lima/ Sônia M. Silveira (Orgs). Florianópolis, Nº 7, Núcleo de Estudos Negros/ NEM, 2000.

LIMA, H. P. Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil. **Superando o racismo na escola.** 2ª edição revisada / Kabengele Munanga, organizador. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.

MUNANGA, K. Apresentação. **Superando o racismo na escola.** 2ª edição revisada / Kabengele Munanga, organizador. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.

NASCIMENTO, E. L. O espaço remarcado. **Negros, territórios e Educação.** Série pensamento negro em educação. Ivan Costa Lima/ Sônia M. Silveira (Orgs). Florianópolis, Nº 7, Núcleo de Estudos Negros/ NEM, 2000.

Políticas de promoção da igualdade racial na educação. Exercitando a definição de conteúdos e metodologias. São Paulo, Centro de Estudos das Relações de trabalho e desigualdades.

ROCHA, P. H. A. CULTURAS NEGRAS E EDUCAÇÃO: IDENTIDADE RACIAL DE PROFESSORES (AS) NEGROS (AS) NO CONTEXTO ESCOLAR. Brasília, UnB, 2016.

ROCHA, R. M. de C.; TRINDADE A. L. da. Ensino Fundamental. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília, SECAD, 2006.

ROMÃO, J. O educador, a educação e a construção de uma auto-estima positiva do educando negro. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. Eliane Cavalleiro, organizadora. São Paulo, Selo Negro, 2001.

ROSSATO, C.; GESSER, V. A experiência da branquitude diante de conflitos raciais: estudos de realidades brasileiras e estadunidenses. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. Eliane Cavalleiro, organizadora. São Paulo, Selo Negro, 2001.

SANTANA, P. M. de S. Educação infantil. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília, SECAD, 2006.

SANT'ANA A. O. de História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados. **Superando o racismo na escola**. 2ª edição revisada / Kabengele Munanga, organizador. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.

SILVA, A. C. da A desconstrução da discriminação no livro didático. **Superando o racismo na escola**. 2ª edição revisada / Kabengele Munanga, organizador. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.

SILVA, D. B. P. e. **Cadê o negro que estava aqui? Culturas populares e escolarização**. Brasília, UnB, 2014.

SILVA, J. A. N. da A escola como instrumento de resgate da cidadania. **Negros, territórios e Educação**. Série pensamento negro em educação. Ivan Costa Lima/ Sônia M. Silveira (Orgs). Florianópolis, Nº 7, Núcleo de Estudos Negros/ NEM, 2000.

SILVA, M. A. da Formação de educadores/as para o combate ao racismo: mais uma tarefa essencial. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. Eliane Cavalleiro, organizadora. São Paulo, Selo Negro, 2001.

SOUZA, E. F. de Repercussões do discurso pedagógico sobre relações raciais nos PCNs. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. Eliane Cavalleiro, organizadora. São Paulo, Selo Negro, 2001.

VIGOTSKI, L. S. Manuscrito de 1929. **Educação e sociedade**. Revista quadrimestral de ciência da educação/Centro de Estudos Educação e Sociedade (Cedes). Campinas, Nº 71. 2000.